

Wall Street não pode queimar Bernie

Por Jeffrey Sachs

Valor Econômico, 27/02/2020

Na Europa, Sanders seria um social-democrata convencional

O narcisismo e a falta de noção panglossiana da elite de Wall Street são uma maravilha de se ver. Empoleirados no poder, gozando de isenções de impostos, dinheiro fácil e mercados de ações em alta, eles têm certeza de que tudo é perfeito neste melhor de todos os mundos possíveis. Os críticos devem ser idiotas ou demônios.

Quando estou em sua companhia e menciono meu apoio a Bernie Sanders para concorrer à eleição presidencial dos EUA recebo ohs! de espanto, como se tivesse invocado Lúcifer. Eles têm certeza de que Sanders é inelegível, ou de que, se de alguma forma for eleito, ele provocará o colapso da república. Em diferentes graus, os mesmos sentimentos podem ser encontrados até em meios de comunicação “liberais”, como o New York Times e o Washington Post.

Esse desdém é ao mesmo tempo revelador e absurdo. Na Europa, Sanders seria um social-democrata convencional. Ele quer restaurar alguma decência básica para a vida americana: assistência médica universal financiada publicamente; salários acima da linha da pobreza para trabalhadores de período integral, juntamente com benefícios básicos, como licença-maternidade e licença remunerada para doenças; educação universitária que não leve os jovens adultos a ter uma dívida por toda a vida; eleições que bilionários não possam comprar; e políticas públicas determinadas pela opinião pública, e não pelo lobby empresarial (que chegou a US\$ 3,47 bilhões nos Estados Unidos em 2019).

O público dos EUA apoia essas posições por grande maioria. Os americanos querem que o governo garanta serviços médicos para todos. Eles querem impostos mais altos para os ricos. Eles querem uma transição para a energia renovável. E eles querem limites para a influência do dinheiro na política. Todas essas são posições fundamentais de Sanders, e são corriqueiras na Europa. No entanto, com cada vitória de Sanders nas primárias, a elite confusa de Wall Street e seus gurus favoritos se surpreendem como um “extremista” como Sanders vence a votação.

O resultado, de qualquer maneira, é o descaso chocante da elite (e da mídia da elite) com as vidas da maioria dos americanos. Eles não sabem ou não se importam com o fato de que dezenas de milhões de americanos não têm cobertura básica de saúde e as despesas médicas levam à falência cerca de 500 mil a cada ano, ou que uma em cada cinco famílias americanas tenha patrimônio líquido zero ou negativo e quase 40% tenham dificuldades para suprir necessidades básicas.

E a elite mal percebe os 44 milhões de americanos sobrecarregados com dívidas estudantis que somam US\$ 1,6 trilhão, um fenômeno praticamente desconhecido em outros países desenvolvidos. E, embora as bolsas de valores tenham disparado e enriquecido as elites, as taxas de suicídio e outras “mortes de desespero” (como as overdoses de opioides) também dispararam, à medida que a classe trabalhadora caiu ainda mais na insegurança financeira e psicológica.

Uma das razões pelas quais as elites não percebem esses fatos básicos é que há muito tempo elas não são chamadas a prestar contas. Políticos americanos de ambos os partidos fazem o que elas querem pelo menos desde que o presidente Ronald Reagan

assumiu o cargo, em 1981, e abriu caminho para quatro décadas de cortes de impostos, quebra de sindicatos e outras vantagens para os super-ricos. A proximidade entre Wall Street e Washington é bem capturada em uma foto de 2008 que voltou a circular: Donald Trump, Michael Bloomberg e Bill Clinton jogando golfe juntos. É uma grande família feliz.

A intimidade de Clinton com os bilionários de Wall Street é reveladora. Essa era a norma para os republicanos desde o início do século XX, mas os vínculos estreitos de Wall Street com os democratas são mais recentes. Como candidato à Presidência em 1992, Clinton manobrou para ligar o Partido Democrata ao Goldman Sachs por meio de seu então copresidente, Robert Rubin, que depois se tornou secretário do Tesouro de Clinton.

Com o apoio de Wall Street, Clinton ganhou a Presidência. A partir de então, os dois partidos dependem de Wall Street para o financiamento de campanhas. Barack Obama seguiu o manual de Clinton nas eleições de 2008. Uma vez no cargo, Obama contratou os acólitos de Rubin para formar sua equipe econômica.

Wall Street certamente foi compensada pelo que gastou com campanhas. Clinton desregulamentou os mercados financeiros, o que permitiu o surgimento de gigantes como o Citigroup (onde Rubin se tornou diretor depois de deixar a Casa Branca). Clinton também acabou com os pagamentos de assistência social para mães solteiras pobres, com efeitos prejudiciais para as crianças pequenas, e intensificou o encarceramento em massa de jovens afro-americanos. Obama, por sua vez, em boa parte deu livre trânsito para os banqueiros que causaram a quebra de 2008. Eles receberam socorro financeiro e convites para jantares na Casa Branca, em vez da pena de prisão que muitos mereciam.

Com a mega-arrogância de um megabilionário, o ex-prefeito de Nova York, Michael Bloomberg, acredita que pode comprar a indicação democrata ao gastar US\$ 1 bilhão de sua fortuna de US\$ 62 bilhões em anúncios de campanha e assim derrotar o colega bilionário Donald Trump em novembro.

Este também é muito provavelmente um caso de falta de noção. As perspectivas de Bloomberg murcharam assim que ele apareceu no palco de debates com Sanders e os outros candidatos democratas, que lembraram aos espectadores o passado republicano de Bloomberg, as alegações de ambientes de trabalho hostis para mulheres nas empresas de Bloomberg, e seu apoio a táticas policiais duras contra jovens afro-americanos e homens latinos.

Ninguém deve subestimar o dilúvio de histeria que Trump e Wall Street tentarão criar contra Sanders. Trump acusa Sanders de tentar transformar os EUA na Venezuela, quando o Canadá ou a Dinamarca são as comparações óbvias. No debate de Nevada, Bloomberg, de forma ridícula, classificou o apoio de Sanders à representação de trabalhadores nas diretorias das empresas, como prevê a política de codeterminação da Alemanha, de “comunista”.

Mas os eleitores americanos agora ouvem algo diferente: assistência médica, educação, salários decentes, auxílio-doença, energia renovável e o fim dos incentivos fiscais e da impunidade para os super-ricos. Tudo parece eminentemente sensato, de fato até convencional, quando se deixa de lado a retórica de Wall Street, que é a razão pela qual Sanders tem vencido - e pode vencer de novo em novembro. **(Tradução de Lilian Carmona).**